

o agressor

ENTRE O DESEJO E A CULPA

No momento do crime, a atração sexual supera os laços familiares. Por trás das grades, eles se envergonham pelo que fizeram e são vítimas de preconceito. Criminosos sexuais que abusaram de filhos, enteados, sobrinhos ou netos sofrem ameaças constantes na cadeia. Especialistas defendem que, para além da punição, é necessário tratamento psicológico e até psiquiátrico para os agressores. É o que mostra a terceira e última matéria da série *Infância Perdida*, de Fabiana Maranhão, Sofia Costa Rêgo, Vanessa Beltrão e Vanessa Cortez. O projeto que deu origem a essa reportagem venceu o 5º Concurso Tim Lopes de Jornalismo Investigativo.



"Minha irmã não resistiu, não precisei insistir muito. Acho que a persuadei, mas ameaçar mesmo nunca ameaçei. Ela é minha irmã

mais nova, por isso deixei. Depois, quando ela olhava para mim, eu me sentia um nojo e começava a chorar. Chorava mais que ela."

As palavras chocam quem ouve, mas também causam dor em quem fala. Por trás das grades do presídio Anibal Bruno, no Sancho, Zona Oeste do Recife, o jovem de 23 anos luta para apagar da memória o que fez com a irmã de 11 anos. Duas vezes. Na cadeia, é chamado de tarado. Para os médicos e psicólogos, agressores sexuais devem ser tratados para que não reincidam no crime. Mas antes é preciso enfrentar a barreira do preconceito.

Presos por abuso sexual sofrem discriminação por parte da população, dos policiais e de outros detentos. Na hierarquia da prisão, o estupro é o pior crime que se pode cometer, e por isso esses reeducandos sofrem todos os tipos de humilhação, desde violência verbal à violência física e sexual. Aos 50 anos, um detento do Anibal Bruno é acusado de abusar sexualmente da prima de 4 anos. Ele alega ter problemas mentais e epilepsia. Na cadeia, sofre ameaças. "Os outros presos me tratam mal, me agride e estão dizendo que vão me matar. Já fui espancado por agentes penitenciários em

São grandes as chances de o abusador voltar a cometer o crime

to. Reprondo era conhecido esses agressores para entender como eles explicam a violência cometida.

Segundo a psicóloga Karen Esber, que coordenava o Reprondo, depois de entender a história de cada um, na segunda etapa o objetivo era torná-los conscientes do mal que fizeram. "Trabalhávamos para que eles conseguissem se perdoar, mas reconhecendo que o que fizeram foi extremamente danoso às vítimas. Tentamos trazer a reflexão sobre o sentimento dessa criança, a decepção de lá com o pai. São elementos novos para eles", explica Karen, que muitas vezes faz o papel de vítima para que os agressores pudessem pedir desculpas e ouvir o que essa vítima teria a dizer.

Um ponto comum na fala dos presos era o histórico de violência sofrida e abandono por parte da família. "Muitas vezes eles explicam a violência que cometeram pelo viés da violência sofrida. 'Fui abusado e queria abusar também'. Nossa proposta nunca foi de concordar ou passar a mão na cabeça porque ele também sofreu na infância. Eles não tentam descobrir. Precisamos conhecer essa história, fazer o sujeito superar e ajudá-lo a separar as suas coisas. É muito importante que essas pessoas consigam se perdoar", ressalta a pesquisadora.

sejar. "Mém da pena, é necessário que eles sejam encaminhados para contínuo tratamento psicológico e até psiquiátrico para evitar a reincidência porque, quando esses agressores saem dos presídios, voltam a delinquir. O nosso sistema carcerário é muito precário", avalia.

Para a psicóloga da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Goiás, Karen Michel Esber, especialista em atendimento a autores de violência sexual contra crianças e adolescentes, tratar apenas a vítima não evita que novos abusos aconteçam. "Claro que a vítima merece todo tratamento, respeito, carinho e cuidado, mas tratar só delas não previne o crime. A punição precisa existir porque eles cometeram um crime e devem ser penalmente responsabilizados. Só que o imaginário da sociedade é deixar o detento apodrecer na cadeia, mas isso não resolve porque a probabilidade de reincidência é enorme", pondera.

EXEMPLO

Enquanto existem inúmeras instituições brasileiras voltadas à assistência das vítimas, poucas são as que se preocupam com o tratamento do agressor. Em Pernambuco, não há serviço desse tipo.

De 2004 a 2010, um trabalho pioneiro foi desenvolvido por profissionais e estudantes de psicologia da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Goiás no Complexo Prisional de Aparecida de Goiânia - Penitenciária Odênir Guimarães (POG). Distante de querer classificar os mais de 50 detentos atendidos, a proposta inicial do Projeto

Reprondo era conhecer esses agressores para entender como eles explicam a violência cometida. Segundo a psicóloga Karen Esber, que coordenava o Reprondo, depois de entender a história de cada um, na segunda etapa o objetivo era torná-los conscientes do mal que fizeram. "Trabalhávamos para que eles conseguissem se perdoar, mas reconhecendo que o que fizeram foi extremamente danoso às vítimas. Tentamos trazer a reflexão sobre o sentimento dessa criança, a decepção de lá com o pai. São elementos novos para eles", explica Karen, que muitas vezes faz o papel de vítima para que os agressores pudessem pedir desculpas e ouvir o que essa vítima teria a dizer.

Um ponto comum na fala dos presos era o histórico de violência sofrida e abandono por parte da família. "Muitas vezes eles explicam a violência que cometeram pelo viés da violência sofrida. 'Fui abusado e queria abusar também'. Nossa proposta nunca foi de concordar ou passar a mão na cabeça porque ele também sofreu na infância. Eles não tentam descobrir. Precisamos conhecer essa história, fazer o sujeito superar e ajudá-lo a separar as suas coisas. É muito importante que essas pessoas consigam se perdoar", ressalta a pesquisadora.

Para avaliar se o indivíduo é mentalmente capaz de responder por seus atos perante a Justiça, o perito baseia-se nos critérios da psiquiatria



RISCO Acusado de abusar da prima de 4 anos, detento alega ter problemas mentais e diz já ter sido maltratado por outros presos e espancado por agentes



ESTUDO Feliciano diz que poucos doentes mentais cometem crimes

» VOCÊ SABIA?

- » O agressor sexual é considerado pedófilo quando tem preferência sexual por criança, quando tem mais de 16 anos de idade e cinco anos a mais que a vítima. A pedofilia é um dos tipos de transtorno da preferência sexual. Denomina-se parafilias os comportamentos sexuais criminais, como a pedofilia. As características: fantasias, ansiosos ou comportamentos recorrentes, intensos e sexualmente excitantes envolvendo crianças.
- » A pedofilia raramente ocorre com mulheres.
- » Os pedófilos podem ser enquadrados em qualquer diagnóstico da psiquiatria. É mais comum ver casos de pedofilia em portadores de transtorno da personalidade antissocial.
- » É mais frequente pedófilos homossexuais que heterossexuais.
- » Poucos doentes mentais são pedófilos, e nem todo autor de violência sexual contra crianças e adolescentes é pedófilo.

Nem todos os agressores têm problemas mentais

Sentir atração por crianças e adolescentes não é um comportamento considerado normal, ainda mais nos casos de incesto. Mas essa conduta fora dos padrões sociais nem sempre está associada a problemas psiquiátricos mais sérios. De acordo com o perito criminal Feliciano Abdon Lima, psiquiatra do Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico (HCTP), localizado no Engenho São João, em Itamaracá, Região Metropolitana do Recife, é baixo o percentual de portadores de transtornos mentais que cometem crimes sexuais violentos contra crianças e adolescentes.

Para avaliar se o indivíduo é mentalmente capaz de responder por seus atos perante a Justiça, o perito baseia-se nos critérios da psiquiatria

entrevista » Agressor

"Sei que serei condenado. Só espero um dia a morte"

Um rapaz de 23 anos está detido há dois meses no presídio Anibal Bruno, no Sancho, Zona Oeste do Recife. Ele é acusado de estuprar a irmã de 11 anos. Réu confesso, ele conta que o abuso ocorreu duas vezes na casa da família, em Jaboatão dos Guararapes, Região Metropolitana. O rapaz se entregou à polícia com medo de ser linchado pela vizinhança. O agressor revela que também foi vítima de abuso sexual na infância. Leia a entrevista concedida às repórteres Sofia Costa Rêgo e Vanessa Beltrão.

JC - Fazia tempo que você sentia atração por sua irmã?

AGRESSOR - Ficava na mente, mas eu conseguia lutar. Chegava na igreja, pedia oração. Foi fraqueza. Me abri para a psicóloga da cadeia e ela disse que isso era uma doença. Sei que para muitos é uma safadeza, não é? Desde pequeno lutava contra isso no meu pensamento.

JC - E você precisou forçá-la a ter relação com você?

AGRESSOR - Eu cometi o crime. Minha irmã não resistiu, não precisei insistir muito. Acho que a persuadei, mas ameaçar mesmo nunca ameaçei em nenhuma das duas vezes. Ela é minha irmã mais nova, por isso deixei. Depois, quando ela olhava para mim, eu me sentia um nojo e começava a chorar. Chorava mais que ela.

JC - E como você foi tratado no presídio? Os outros detentos sabem por que você foi preso?

AGRESSOR - Eu cometi o pior dos crimes para os presos. Eles perguntam o que fiz, insistem muito. Eu baixe a cabeça, fico transtornado. Tenho medo de dizer porque não sei como eles vão reagir. Muitos estão lá porque cometeram outros crimes e, para fazerem mais um, tomar as dores, não custa nada.

JC - Você se arrepende do que fez?

AGRESSOR - Acredito que errei em três leis. Esse crime que cometi foi um desvio da conduta do meu pai, da lei de Deus e da lei dos homens. Ainda sinto nojo de mim, me repudio mesmo. Meus sonhos todos foram por água abaixo. Eu pretendia fazer faculdade, poder ajudar meu pai, procurar emprego. Eu

nem pedi advogado porque sei que vou ser condenado e não quero que gastem nada comigo. Estou conformado. Só espero um dia a morte.

JC - E como foi sua infância? AGRESSOR - Eu me sentia desprezado pelos colegas. Quando ia jogar bola, me chamavam de macaco, de negro. Ninguém me chamava para as festas. Passei por isso desde pequeno. Eu tinha medo de tudo na vida.

JC - Você alguma vez já foi vítima de violência sexual?

AGRESSOR - Fui violentado quando tinha 13 anos. Estava ajudando meu pai na Ceasa (Recife), quando um homem parou num carro e perguntou onde havia um posto de gasolina. Ele mandou eu entrar no veículo para mostrar onde era e me levou para outro destino. Chegando lá, mandou eu tirar a roupa e me pegou. Depois ele me deu R\$ 10. Fiquei enojado de mim mesmo.

JC - Você contou a alguém? Denunciou o homem?

AGRESSOR - Eu queria contar ao meu pai que fiquei sangrando, mas fiquei com medo de ele não entender. Acredito que era para eu ter passado por uma psicóloga.

JC - O que você gostaria de dizer a sua irmã e aos seus familiares?

AGRESSOR - Eu peço perdão, mesmo que isso não tenha perdão. A gente nunca teve muita coisa em casa, mas éramos uma família muito unida. Ninguém foi para o mau caminho, só eu que vim parar aqui.